

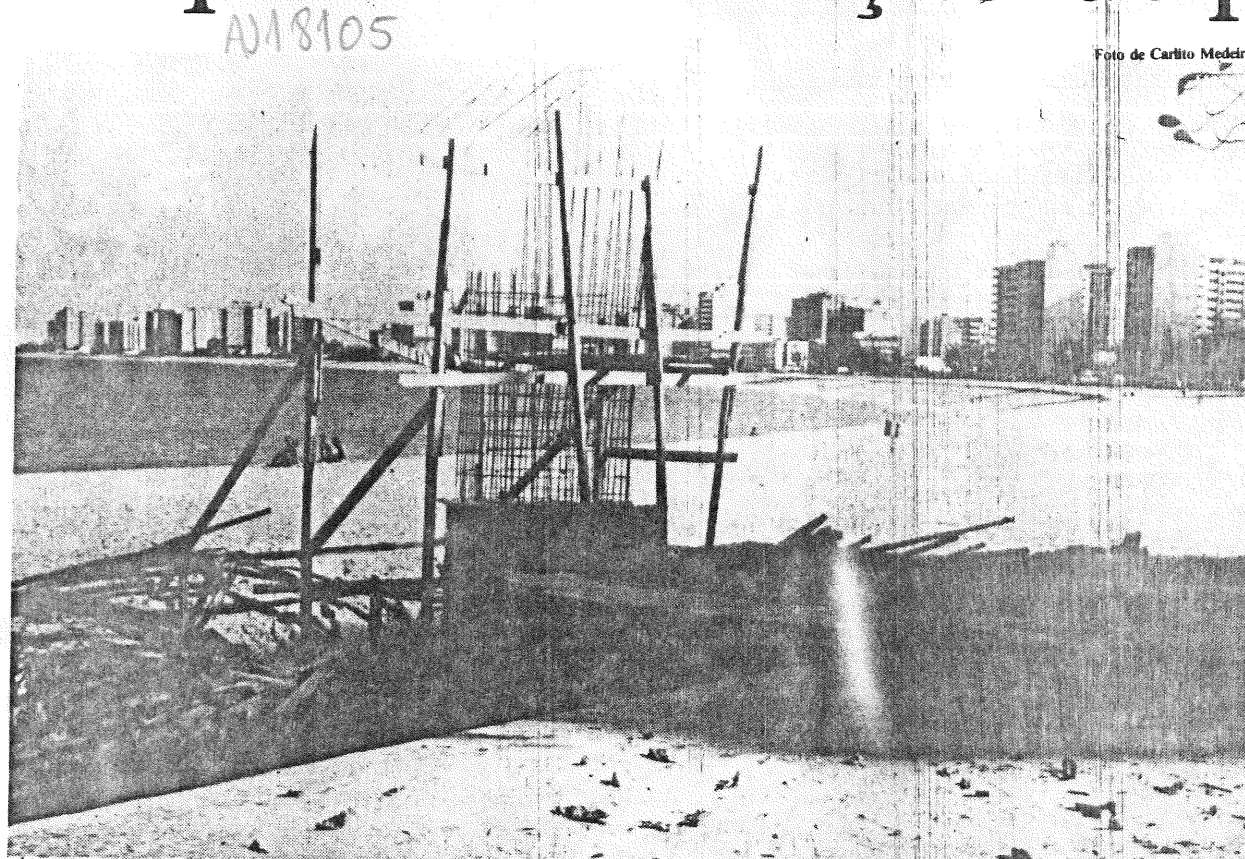
Arquitetos querem execução de projeto em Itapoã

O fato de a Prefeitura de Vila Velha não ter levado em consideração o projeto completo de urbanização dos sete quilômetros de extensão entre a Ponta de Itapoã e a reserva de Jacarenema, na orla do município, dando continuidade a um trabalho que vem sendo executado na Praia da Costa, pelo Governo do Estado, está causando indignação nos autores do projeto. São oito arquitetos, que venceram um concurso realizado pelo Governo em 1989, elaborando um projeto que custou aos cofres públicos, na época, 77 mil BTNs.

Os profissionais José Antônio Chalhub Júnior, Marcelo Fiorotti, Augusto Alvarenga, Carlos Alberto Motta, Cláudia Signorelli, Kennedy Vianna, Roberto Carlos do Espírito Santo e Tânia Moura, que elaboraram, respectivamente, os projetos de sistema viário, paisagismo, arquitetura, urbanismo e equipamentos dos 11 quilômetros que vão do Libanês, na Praia da Costa, até as proximidades da reserva de Jacarenema, na Barra do Jucu, não entendem por que a Prefeitura optou por contratar outro projeto, que prevê a instalação de mais de 100 quiosques com cobertura de telha colonial, se um concurso definiu outro, compondo a harmonia de toda a região.

Comprometimento

É justamente esta harmonia, prevista num projeto de urbanização e paisagismo que os arquitetos consideram "coerente", que os profissionais asseguram está sendo comprometida com a decisão da PMVV. Eles não têm dúvidas de que o desrespeito — como engavetamento do projeto original — do trabalho vencedor do concurso, tem origem na briga política entre Prefeitura e Governo do Estado, que se tornou evidente na administração anterior, do governador Max Mauro, incompatibilizado com o prefeito Jorge Anders.



Comerciantes da Praia da Costa criticam a instalação de módulos no calçadão, porque viram concorrentes

Estande mostra a urbanização

Para esclarecer a população sobre a obra de urbanização da Praia da Costa — que vai do Libanês até a Ponta de Itapoã — a Cohab, que administra o empreendimento, vai instalar um estande no local, com a descrição completa de todo o projeto. O presidente da companhia, Luiz Carlos Piassi, garantiu, ontem, que a execução dos serviços deve obedecer a um ritmo que garanta a conclusão da obra em dezembro deste ano. Na Praia da Costa, alguns comerciantes e moradores estão preocupados, principalmente, com a insuficiência de espaço para estacionamento de veículos.

Esta é, porém, na visão dos arquitetos responsáveis pelo projeto, uma preocupação que não procede. Eles explicam que ao longo da Avenida Gil Veloso — a principal, de frente para o mar — e nas suas transversais, foram previstas 'baías' (reentrâncias) para estacionamento de veículos. Garantem, também, que a alteração de trânsito, que garantirá mão única na Gil Veloso e na Rua Desembargador Augusto Botelho, facilitará o fluxo de carros, beneficiando pedestres e motoristas em termos de segurança.

Visão de mar

Admitindo não ter participado do processo de discussão que resultou no projeto de urbanização, Solon Motta Faria, proprietário do Carlinhos Restaurantes, por sua vez, critica a instalação de módulos para comércio de bebidas e comidas no calçadão da praia. Um conjunto de módulos vai ser instala-

do bem em frente ao seu estabelecimento e ao do também comerciante Osmar Bodevan Bastos, o que, para Solon, "tira a visão da praia". Osmar, por sua vez, diz que o projeto arquitetônico é bonito, mas o fato de as vagas de estacionamento, até o clube Libanês, serem poucas, desagradará aos turistas e, consequentemente, afetará o comércio local.

Os arquitetos, porém, insistem no fato de que, na idéia original do projeto, levou-se em consideração, fundamentalmente, o espaço de lazer que ele deveria garantir para a população. Como seria impossível instalar, sobre o calçadão atual, de quatro metros de largura, os equipamentos solicitados pela população, decidiu-se por eliminar uma pista, ampliando-se o calçadão.

Para os que criticam a instalação de um posto de salva-vidas na Praia das Castanheiras, quando na da Sereia é que se registra o maior movimento de banhistas, os arquitetos — a equipe é formada por José Antônio Chalhub Júnior, Marcelo Fiorotti, Augusto Alvarenga, Carlos Alberto Motta, Cláudia Signorelli, Kennedy Vianna, Roberto Carlos do Espírito Santo e Tânia Moura — alegam que serão construídos quatro postos, também em frente ao bar Catamaran, nas proximidades do Brasil Turismo Hotel, e na Ponta de Itapoã. Todos, com bom ângulo de visibilidade e não desprezando o serviço de apoio na areia, tradicionalmente feito por homens da Polícia Militar. A água que chegará aos chuveiros a serem utilizados pelos banhistas sairá desses postos.

Por decisão da comissão — formada por representantes de órgãos públicos e da comunidade — que acompanha o projeto, serão construídos quatro banheiros distantes dos 12 módulos de comércio (três em cada ponto de concentração): na ponta da Sereia, próximo ao cruzamento da Gil Veloso com a Avenida Champagnat, em frente à Rua Santa Catarina e na Ponta de Itapoã. Os módulos, segundo os arquitetos, foram projetados com inclinação suficiente para não comprometer a visão do mar.

Eles explicaram que, com a transferência da gerência de obras do Departamento de Edificações e Obras (DEO) para a Cohab, foram incluídos e executados serviços não previstos no projeto original, como um muro de arrimo, uma rampa e um banheiro no meio da praça da Ponta da Sereia, onde será instalado um anfiteatro. O diretor de Projetos da Cohab, Esdrá Nunes, diz que os trabalhos foram feitos devido à atualização do levantamento topográfico.

Tão logo observaram as mudanças — mesmo não tendo contrato para fiscalização da obra — os arquitetos propuseram alterações no projeto, lembrando ainda que não estavam sendo deixados espaços para o paisagismo do calçadão. Segundo eles, os problemas relacionados às alterações foram contornados. A obra vem sendo executada por duas construtoras, Épura e Acta, e o presidente da Cohab, Luiz Carlos Piassi, garante que nada vem sendo feito sem consulta prévia aos projetistas e à comunidade.

Processo de canonização tem mais um depoimento

O Tribunal Eclesiástico responsável pelo processo de canonização da irmã Cleusa Carolina Rody Coelho ouviu ontem a segunda testemunha do inquérito, em sessão realizada na Arquidiocese de Vitória. A irmã Dalvina Carminati, religiosa da Congregação Missionárias Agostinianas Recoletas, conviveu durante 9 anos com a irmã Cleusa — que poderá ser consagrada pela Igreja Católica a primeira santa brasileira pelo martírio de sua morte ou pelas virtudes heróicas. O depoimento da irmã Carminati prossegue na sessão da próxima terça-feira, a partir das 14 horas.

A irmã Cleusa nasceu em Cachoeiro do Itapemirim no dia 12 de novembro de 1933. Durante os 33 anos dedicados à vida religiosa, a irmã e missionária trabalhou com menores de rua, presidiários, hansenianos, cegos, pobres e, principalmente, com índios. Foi exatamente pelas causas indígenas que a religiosa foi assassinada em 28 de

abril de 1985, quando viajava numa canoa no rio Pacia, no Amazonas.

O fato aconteceu depois de a religiosa ter sido procurada por índios apurinãs que relataram que a mulher e o filho mais velho do cacique da tribo, Agostinho Mulato, foram executados a tiros pelo índio Raimundo Povidem, da aldeia Japiim, devido a um conflito relativo à extração de castanhas. Assim, a irmã decidiu levar conforto ao tuxaua Agostinho, sendo assassinada cruelmente pelo índio Raimundo. Dias depois, o corpo foi encontrado em avançado estado de decomposição, com uma perna e um braço decepados, além de cortes, tiros e grande quantidade de chumbo na cabeça.

O padre Rômulo Neves Balestreiro, juiz-delegado indicado pelo arcebispo de Vitória Dom Silvestre Scandian, informou que na próxima sessão também deverá ser ouvida a terceira testemunha do processo, a psicanalista Nilzy Garcia Ferreira, que viveu ao lado da irmã durante alguns anos.

Atacadão
DOS
Colchões
COLCHAO ESPUMA LUXO D23
1,28 x 1,88 m
1,38 x 1,88 m
CASA
19.800

OS MELHORES PREÇOS EM:
COLCHÕES EM GERAL
TRAVESSEIROS SOFÁ-CAMA BICAMAS
FAZEMOS COLCHÕES
ESPECIAIS
PARA HOSPITAIS E MOTÉIS
Tel.: 336.2251
RUA ALFREDO ALCURE 06 — C. GRANDE
Entrada do ESTÁDIO DO RIO BRANCO

Até mesmo o sistema viário observado no projeto dos oito arquitetos, para preservação da região entre Itapoã e Itaparica, cujas características diferem da Praia da Costa, mais urbana, foi modificado. "Pensamos numa evolução, dentro de uma concepção despojada, até alcançarmos Jacarenema, de vegetação densa", diz o paisagista Marcelo Fiorotti, que definiu o plantio de coqueiros no ponto de concentração identificado como Praia de Coqueiral de Itaparica, por exemplo.

O que os arquitetos sabem da proposta da PMVV é que ela, em substituição às barracas de madeira — mais de 200 — que foram retiradas da orla por força de decisão judicial, optou pela construção de mais de 100 quiosques, com telhado colonial, construídos em blocos de três unidades, distantes 30 metros uns dos outros. "Aquele "paredão" que as barracas representavam, impedindo a visão da praia, continuará o mesmo", asseguram. No projeto vencedor do concurso — que a Prefeitura, num acordo assinado com o Governo, teria se comprometido a executar, tão logo dispusesse de recursos financeiros — estão previstos ainda 14 módulos, nos sete quilômetros de praia, além de outros equipamentos e pavimentação.

"Projetamos blocos de cinco e quatro módulos, em três pontos de concentração já existentes, a exemplo do localizado na Coqueiral de Itaparica. Todos com cores diferenciadas, identificação, funcionando também como referência para os banhistas, dentro da mesma proposta da Praia da Costa, em respeito à visão do mar", dizem os arquitetos, que garantem estar conscientes do fato de a comunidade "só ter a perder" com o desrespeito praticado pela Prefeitura. "O Prefeito Jorge Sanders viu o projeto numa reunião onde assinou um acordo com o Governo, diante de representantes da comunidade. Por isso, não pode alegar que o desconhecia para justificar a contratação de outro", asseguram.